

CAPÍTULO 16

O CÓDIGO DA VIDA ENTRE A VIDA E A MORTE: A PULSÃO, O SINTOMA E O SUJEITO EM FREUD E LACAN

Lilian Cristina Gomes Oliveira

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a articulação entre a pulsão de vida e de morte no pensamento freudiano e sua reelaboração por Jacques Lacan, especialmente no que concerne ao lugar do sujeito no campo do significante. Propõe-se uma leitura simbólica e topológica da pulsão, compreendendo o real como o ponto de impossibilidade da linguagem e o sintoma como forma de inscrição do sujeito no desejo. A análise sustenta que o fantasma, enquanto estrutura de gozo, não se dissolve — mas pode ser interpretado, deslocado e reinscrito pelo trabalho analítico.

INTRODUÇÃO

Desde as primeiras formulações de Freud, a noção de pulsão (Trieb) ocupa o centro da teoria psicanalítica. Se inicialmente a pulsão aparece como uma força que visa a satisfação, em 1920, com *Além do princípio do prazer*, Freud introduz a ideia da pulsão de morte, rompendo com a ilusão de uma natureza puramente vital ou harmônica. A partir daí, a vida passa a ser pensada também como um movimento que tende à sua própria destruição, instaurando um paradoxo estrutural: viver é, de algum modo, morrer.

Jacques Lacan retoma essa problemática a partir da estrutura da linguagem. Para ele, a pulsão não é apenas uma força biológica, mas uma montagem significativa que inscreve o corpo no campo do Outro. Assim, a morte não é ausência de vida, mas uma presença simbólica — um limite que dá forma ao desejo.

A Pulsão de Morte em Freud: o Retorno ao Inorgânico

Freud define a pulsão de morte como a tendência de todo ser vivo a retornar a um estado anterior à vida. Essa formulação, longe de ser apenas biológica, implica uma reflexão ética e ontológica. A morte, em Freud, é a verdade do organismo — mas também a verdade da repetição. O sujeito, movido pela compulsão à repetição, busca o mesmo ponto de dor, como se ali residisse a promessa de uma satisfação impossível.

A pulsão de morte, portanto, não se opõe à pulsão de vida, mas a atravessa. Ambas coexistem e se tensionam, numa dialética que

constitui o próprio movimento da subjetividade. É nessa tensão que se inscreve o sintoma — o lugar onde o gozo encontra uma forma.

Real em Lacan: o Impossível de Dizer O discurso da psicanálise e o discurso da ontologia dialogam em torno da mesma pergunta central: “O que é o ser?”

Mas eles respondem de modos radicalmente distintos — e é justamente nesse ponto que nasce a fecundidade desse encontro.

ONTOLOGIA: O SER COMO ESSÊNCIA

A ontologia, desde Aristóteles e retomada por Heidegger, busca compreender o ser enquanto ser. Ela pergunta “o que é o ser humano em sua essência?”, tentando apreender o que há de permanente, universal, fundante. O ser, aqui, é o fundamento da existência — aquilo que é, que se sustenta e permanece.

Heidegger vai dizer que o ser humano (Dasein) é aquele que se pergunta sobre o seu próprio ser.

Portanto, o ser é abertura, é possibilidade, é o “estar no mundo”. Psicanálise: o sujeito como falta-a-ser A psicanálise, ao contrário, começa não pela afirmação do ser, mas pela falta do ser. Freud nos mostra que o sujeito é movido por desejos inconscientes, por algo que lhe falta e que nunca se completa. Lacan aprofunda isso dizendo:

“O sujeito é efeito do significante — é o que aparece onde o significante o representa para outro significante.” —
LACAN, Seminário XI (1964)

O discurso psicanalítico, portanto, não é ontológico, mas ético e estrutural. Ele não busca definir o que é o ser, mas escutar como o sujeito fala de si mesmo e como se constitui na linguagem.

Em outras palavras: • A ontologia quer saber “o que é o ser”; • A psicanálise mostra que “o ser é aquilo que falta”.

O ponto de convergência: o ser como abertura

No entanto, há um ponto de encontro sublime entre ambas: tanto na psicanálise quanto na ontologia, o ser não é substância, mas movimento.

Freud diz que “onde isso estava, o eu devo advir” (Wo Es war, soll Ich werden), e Heidegger diz que “o ser é o tempo” (Sein und Zeit)

Para Lacan, o real é o que escapa à simbolização, aquilo que não cessa de não se inscrever.

Quando o sujeito se depara com o real, ele o faz através do sintoma — essa escrita enigmática do inconsciente. O sintoma é, portanto, a resposta do sujeito ao impossível do real, uma tentativa de dar forma ao sem-sentido.

A leitura topológica de Lacan mostra que o sujeito se constitui nos buracos do simbólico. A vida e a morte, nesse contexto, não são opostos, mas dois registros do mesmo corte. O gozo se dá nesse intervalo, onde o corpo e o significante se encontram. O Fantasma e a Ética da Escuta “O inconsciente é o discurso do Outro.” — Jacques Lacan, Seminário XI (1964)

O PRINCÍPIO DO PRAZER EM FREUD

Freud, em “Além do princípio do prazer” (1920), descreve o princípio do prazer como a tendência fundamental do aparelho psíquico: reduzir a tensão, evitar o desprazer e buscar a satisfação das pulsões. É o movimento vital que orienta o sujeito a retornar ao estado de equilíbrio, de satisfação imediata, de gozo.

Mas o humano não é apenas regido por esse princípio — ele é também atravessado por outro: o princípio de realidade, que o obriga a adiar ou transformar o prazer em algo socialmente possível, simbolicamente aceito, linguisticamente mediado.

Assim, a existência se torna o palco onde o desejo se escreve entre dois polos:

o prazer que quer o gozo absoluto, o retorno ao estado de indiferenciação (como o bebê no seio materno); e a realidade, que o frustra, mas o humaniza.

O PRAZER E A EXISTÊNCIA: O SUJEITO COMO TENSÃO

A existência, para o sujeito freudiano, é marcada por uma tensão constante entre Eros (a pulsão de vida) e Thanatos (a pulsão de morte). O princípio do prazer é, então, ambíguo: ele quer o prazer, mas, no limite, busca a extinção da tensão — o zero absoluto, que coincide com a morte.

Por isso, viver é sustentar o conflito:

“Existir é suportar a impossibilidade de um prazer total.”

O sujeito, portanto, não vive para o prazer, mas a partir dele — o prazer é o motor do desejo, e o desejo é o modo de existir.

O PRINCÍPIO DO PRAZER COMO ÉTICA DO EXISTIR

Na leitura lacaniana, o prazer (ou o gozo) é o ponto em que o corpo fala o impossível da linguagem. O “princípio do prazer” se transforma, então, numa ética do limite: viver é borderar o gozo, é encontrar prazer no inacabado, no não-todo, no intervalo entre o que se deseja e o que se pode dizer.

Heideggeralaria aqui de Ser-no-mundo, e Lacan traduziria: o sujeito é aquele que goza de sua falta. Assim, o princípio do prazer na existência não é a busca de felicidade, mas a arte de habitar o desejo, de aceitar que o prazer só existe porque há falta, e é nessa falta que o ser se escreve.

Síntese poética

O princípio do prazer é a respiração da alma: inspira o desejo, expira a renúncia. Entre o sim e o não da existência, o sujeito encontra o sabor do seu próprio ser.

O ser e o si: a escrita da existência Quando Lacan traz o inconsciente para o campo da linguagem, ele não apenas desloca a psicanálise de uma teoria do eu (ego) para uma teoria do sujeito, mas reconfigura a própria questão da ontologia — a questão do ser. Em Heidegger, o ser é o que se desvela no tempo. Em Lacan, o ser se escreve na falta. O si não é uma substância que se possui, mas um traço — uma inscrição de ausência.

O sujeito lacaniano não “é”, ele se escreve. Escreve-se no lapso, no ato falho, no sonho, no desejo que escapa. A ontologia lacaniana é, portanto, uma ontologia da falta, ou, como ele mesmo define, uma “ontologia do não-todo”. O ser do sujeito é fendido, dividido entre o que fala e o que é falado.

A EXISTÊNCIA E O OUTRO A FASE DO ESPELHO (OU O NASCIMENTO IMAGINÁRIO DO “EU”)

O bebê diante do espelho — o instante fundador

Lacan apresenta a fase do espelho em 1936 e a desenvolve em 1949, descrevendo o momento em que a criança, entre 6 e 18 meses, reconhece sua própria imagem refletida. Mas esse “reconhecer” é, na verdade, um engano estruturante.

O bebê, ainda descoordenado, fragmentado em seus movimentos e sensações corporais, vê no espelho uma imagem total, unificada, harmônica — algo que ele ainda não é, mas que deseja ser.

Nesse instante, nasce o “eu ideal”: uma ficção que organiza o corpo, que dá unidade ao que era disperso.

“A criança antecipa mentalmente a maturação de seu corpo, e é essa antecipação jubilatória que funda o eu.” — Jacques Lacan, *Escritos* O “eu” é, portanto, um efeito de imagem, um reflexo. O sujeito se vê onde ele ainda não está, e é assim que ele entra no mundo simbólico.

O imaginário e a alienação

O espelho não é apenas um objeto físico: é a metáfora do Outro — aquele que devolve uma imagem de nós mesmos, um olhar que nos constitui. O sujeito, ao se reconhecer, o faz através do olhar do Outro. Assim, o “eu” nunca é autônomo; é uma construção alienada, dependente do reflexo e da linguagem. É por isso que Lacan dirá:

“O eu é outro.” (Je est un autre — citação que Lacan retoma de Rimbaud)

A fase do espelho inaugura o registro imaginário: o campo das identificações, das ilusões de completude, das comparações, das imagens ideais. Mas o sujeito real, dividido e desejante, nunca coincidirá com essa imagem ideal. É nesse descompasso que nasce o desejo.

O espelho e o princípio do prazer

Aqui se faz o elo com Freud: o princípio do prazer busca reduzir a tensão, enquanto o espelho cria a ilusão de totalidade, de um corpo pleno, sem falta. Mas essa imagem perfeita é inalcançável — e é isso que mantém o desejo vivo.

A partir da fase do espelho, o sujeito vive tentando reencontrar aquele instante de júbilo — o momento em que se viu inteiro. Toda busca amorosa, toda ambição, todo narcisismo é, de certa forma, o retorno ao espelho.

Contudo, o prazer se torna possível apenas no reconhecimento do limite, quando o sujeito aceita que o reflexo é apenas reflexo.

O ser e a imagem — uma leitura ontológica

Na ontologia lacaniana, o “si” (ou o ser do sujeito) não está no espelho, mas no intervalo entre o olhar e a imagem. O sujeito é o que falta na imagem que o representa. É o furo entre o que ele vê e o que ele é. “O ser do sujeito está no campo do Outro; ele só é onde não se vê, e se vê onde não é.” — Lacan,

Seminário XI

Assim, a fase do espelho é mais do que uma etapa do desenvolvimento: é a condição estrutural da existência humana — ver-se fora de si, desejar o que não se é, e sustentar-se nessa diferença.

Síntese poética > No espelho, o ser nasce dividido: metade imagem, metade ausência. O “eu” é um reflexo que sorri, enquanto o sujeito, invisível, se descobre desejante.

Se para a filosofia clássica o ser se sustenta em si mesmo, em Lacan o sujeito só existe no campo do Outro. O Outro — com “O” maiúsculo — é a estrutura simbólica, a linguagem, o lugar onde o desejo se articula e se representa. É nesse campo do Outro que o “si” se forma, mas nunca se totaliza. O je lacaniano é um pronome cindido, um espelho que reflete um reflexo — uma imagem que acredita ser inteira, mas que é sustentada por uma falta constitutiva.

Assim, o “si” lacaniano não é o mesmo que o “si” cartesiano. Descartes dizia “penso, logo existo”. Lacan, ao contrário, diria: “sou pensado, logo me falta ser”. A existência, para ele, não é garantida pelo pensamento, mas pela falta no ser — esse intervalo onde o desejo habita.

O ser como furo: o real e o impossível A DIALÉTICA DA FRUSTRAÇÃO (O jogo entre o desejo, o limite e o ser)

O nascimento da frustração

Em Freud, a frustração não é apenas a falta de um objeto concreto; é a experiência originária da perda. Desde o bebê que chora pelo seio da mãe e não o tem imediatamente, o sujeito é marcado pela diferença entre o que deseja e o que o mundo lhe oferece. Essa diferença funda o desejo. Pois se tudo fosse satisfeito, não haveria desejo — e, portanto, não haveria sujeito.

A frustração, então, não é patológica; ela é estrutural. É o primeiro espelho da castração simbólica: o “não” que a realidade impõe e que permite a entrada na linguagem, na lei, na cultura.

A dialética: o jogo entre ter e não ter

Lacan retoma Freud e propõe a frustração como um movimento dialético, isto é, um jogo de oposição que se transforma em criação. Entre o prazer e a lei, entre o desejo e o impossível, o sujeito se constitui.

“A frustração não é o contrário do desejo; é o que o sustenta.” — Lacan, Seminário IV

Na dialética da frustração, o sujeito oscila:

Entre o ter e o não-ter, descobrindo que o objeto do desejo nunca é o objeto real, mas uma falta simbolizada;

Entre o amor e a perda, entendendo que amar é desejar aquilo que, de algum modo, se escapa;

Entre o ideal e o possível, aceitando que o prazer pleno é impossível, mas o desejo o mantém vivo.

Assim, a frustração deixa de ser obstáculo e se torna motor da existência.

A frustração como experiência de linguagem. A criança só se torna sujeito quando ouve um “não” — quando a mãe ou o Outro impede a satisfação imediata. Esse “não” inscreve a lei, marca o limite, e abre o espaço da palavra.

Por isso, a frustração é a primeira forma de simbolização. Ela ensina que o prazer não é imediato, mas mediado pela linguagem, pela cultura, pelo outro. Em outras palavras: o sujeito aprende que só pode desejar através dos significantes — e nunca o objeto em si.

É na frustração que nasce a fala, pois o desejo precisa ser dito para existir.

A frustração e a ética do desejo

A verdadeira ética da psicanálise — como ensina Lacan — não é a de eliminar a frustração, mas a de saber habitá-la. Pois desejar é viver sob a falta, sem tentar tamponá-la com o consumo, o poder, ou o amor idealizado.

O sujeito ético é aquele que reconhece:

“Eu não tenho tudo, e é por isso que existo.”

Essa aceitação transforma a dor em potência, a ausência em criação, o limite em possibilidade de encontro.

O ser e o não-ser — uma leitura ontológica

Na ontologia da psicanálise, o sujeito é o intervalo entre o que quer e o que pode. Ele só existe no movimento entre presença e ausência, prazer e falta. Por isso, a frustração é dialética: não se supera, se sustenta.

Heidegger diria que o ser é “o que se abre na falta do ente”; Lacan diria que o sujeito é “o efeito de uma falta no ser”. Em ambos, há a mesma verdade: é o vazio que dá forma ao existir.

Síntese poética

A frustração é o berço do desejo. O que falta, funda. O que se perde, ensina. O sujeito não nasce do que tem, mas da ausência que o faz buscar.

A ontologia lacaniana se realiza em três registros: o Simbólico, o Imaginário e o Real. O Real é aquilo que não se deixa simbolizar — o furo no ser, o ponto de impossibilidade. É nesse ponto que a existência se torna experiência. A ontologia lacaniana, portanto, não é metafísica, mas topológica: o sujeito é uma dobra, uma torção, um movimento de escrita e apagamento. O “si” se escreve como o traço de algo que não pode ser dito, mas apenas inscrito. É o sinthome — o ponto de amarração entre o ser e o gozo. Lacan, ao reinventar o campo do sujeito, transforma a ontologia em escritura: o ser não é o que se é, mas o que se escreve entre o dito e o não-dito. O fantasma (fantasme), em Lacan, é a cena onde o sujeito se representa a si mesmo em relação ao objeto de seu desejo. Ele é o enquadre do gozo.

Contudo, o analista, em sua escuta, não busca destruir o fantasma, mas fazer o sujeito atravessá-lo. Essa travessia não é uma superação moral, mas uma operação simbólica — o sujeito se implica no que repete e, assim, desloca seu lugar no desejo. O analista não cura, mas sustenta o vazio onde o sujeito pode se reescrever. É nesse ponto que a vida se reinventa, não como oposição à morte, mas como sua elaboração simbólica.

Conclusão

A vida, em psicanálise, não é um estado, mas um ato - o ato de sustentar a falta que nos constitui.

Freud nos ensina que pulsão é movimento; uma busca constante para preencher um vazio,impulsionada por desejos e pulsões (de vida e de morte) que geram conflitos internos e sofrimento psíquico.

“O propósito de Eros é reunir indivíduos em uma grande unidade (...) Eros é a pulsão de vida e divide o mundo com a pulsão de morte - Thanatos. Na tensão entre elas segue o homem com o objetivo de ser feliz.”

A ideia central é que a vida psíquica é o resultado da interação e conflito constante entre ambas pulsões de vida e de morte. A pulsão de morte precisa ser desviada para fora do organismo em forma de agressividade para não causar a autodestruição, já a pulsão de vida está ligada à libido, preservar a vida.

Freud estabelece as bases do dualismo pulsional e do sintoma como formação de compromisso. Lacan, ao reler Freud pela via da linguagem e do Real, unifica a pulsão sob a égide da pulsão de morte e introduz o conceito de gozo para explicar a satisfação masoquista e repetitiva que o sintoma encerra, redefinido o sujeito como um ser dividido e alienado na linguagem.

Lacan nos mostra que tal movimento é estruturado pela linguagem, o inconsciente é este estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem, cujos elementos da linguagem-significante, são a base a partir da qual a realidade psíquica é o fantasma se constroem. A abordagem lacaniana se distancia da metafísica tradicional e se concentra no inconsciente, nos registros do real, simbólico e imaginário e na lógica da fantasia, onde estes conceitos fundamentais moldam a existência do sujeito, assim a teoria das pulsões é vista como uma forma de ontologia negativa que se baseia na negação é na falta.

A entrada do sujeito na linguagem implica uma perda, um corte que gera uma falta constitutiva-a castração. O desejo não é a busca por um objeto específico, mas a tentativa de lidar com esta falta. O fantasma funciona como um cenário imaginário que encena a relação do sujeito com o objeto a (objeto causa do desejo), uma espécie de objeto perdido. A linguagem é o material e a estrutura que permite a formação do fantasma, que por sua vez, origina e regula o desejo do sujeito em relação à realidade, mascarando a falta fundamental imposta pela própria entrada na ordem simbólica. Para a teoria lacaniana a lógica da fantasia é entendida como uma estrutura que molda a realidade psíquica do sujeito, em contraste com uma visão mais lógica ou tradicional de “ser”.

O sujeito se inscreve através da fala e por onde da mesma forma se perde e é nessa perda que o desejo se reinventa, é a vida mesmo atravessada pela morte, encontra seu sentido.

Para a psicanálise o “código da vida” não é um conjunto de regras biológicas ou divinas, mas sim a complexa teia de processos psíquicos inconscientes, linguagem e desejos que moldam a experiência subjetiva de

cada ser humano que por sua vez deve buscar a sua intersubjetivação para se estabelecer sujeito de si mesmo.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LACAN, Jacques. Seminário, Livro 7: A Ética da Psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

SUMMUS, Sociedade Psicanálise. Cadernos de Psicanálise. Belo Horizonte, 2025.

FREUD, Sigmund. Os caminhos da formação dos sintomas (1917). Ed. standart brasileira das obras psicológicas completa (vol.XVI, PP.419-440) RJ Imago Original publicado em 1917.

FREUD Sigmund (1980) Inibição, sintoma e angústia, (J. Salomão, Trad. Ed. standart brasileira das obras psicológicas completas (vol. XX, pp108-198) RJ - Imago- original publicado em 1926).

LACAN, Jacques. Seminário, livro 4: A relação do objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. Seminário livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.